

Seminário

O significado da África no Brasil:

diálogos entre educação, cultura e luta por direitos

6 a 9 de novembro de 2018

Apresentação

O seminário visa promover o diálogo entre diversos públicos interessados na produção e na circulação do conhecimento sobre a África, reunindo produtores e grupos culturais que dialogam com as matrizes africanas na Bahia, pesquisadores, educadores, estudantes, gestores municipais e estaduais e ativistas das áreas da educação, da cultura e do patrimônio, em busca de uma reflexão crítica e coletiva sobre o significado da África no Brasil, no quadro da luta contra o racismo.

O evento, composto de conferências, mesas redondas, grupos de trabalho, minicursos e oficinas e previsto para ocorrer em Salvador, de 6 a 9 de novembro de 2018, será organizado a partir do Grupo de Pesquisa África Contemporânea da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB) – um espaço de construção e circulação de saberes por onde passam brasileiros e africanos oriundos dos países de língua oficial portuguesa, tanto como estudantes como professores – com a colaboração do Programa de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos da Universidade Federal da Bahia (UFBA). O seminário conta com financiamento da Secretaria da Cultura do Estado da Bahia (SECILT/BA), por meio do Fundo de Cultura da Bahia.

Já estão confirmados, como conferencistas, Thandika Mkandawire, sociólogo de origem malaui, professor da Escola de Economia de Londres (London School of Economics, LSE) e ex-diretor do Conselho de Desenvolvimento da Pesquisa em Ciências Sociais em África (CODESRIA), e Olabiyi Yai, linguista, ex-embaixador da República do Benim e ex-diretor executivo da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

Justificativa

Longe de ser uma novidade, o diálogo entre o mundo acadêmico e os movimentos negros é uma tradição baiana que remonta ao II Congresso Afro-brasileiro, organizado em 1937 por Edison Carneiro e outros intelectuais que, a partir de sua inserção na universidade, abriram espaço para encontros entre o vibrante mundo da cultura negra e instâncias formais de produção do conhecimento e proposição de políticas públicas de combate à discriminação. Também foi no diálogo entre universidade, movimentos sociais e grupos culturais negros que se articularam, na Bahia, as primeiras propostas de educação para as relações étnico-raciais, como a Pedagogia interétnica do final da década de 1970, a qual constitui um dos primeiros passos no longo caminho que viria a dar na promulgação da Lei no 10.639/2003. Por outro lado, é notável que, diante da omissão da universidade em produzir e divulgar conhecimentos sobre África, esta tenha sido uma das tarefas autoatribuídas por diversos grupos culturais negros, principalmente em Salvador - a música negra baiana sendo o veículo de uma impressionante "vontade de saber" das realidades sociais e políticas do continente africano, na busca pela desconstrução de estereótipos depreciativos falsamente atribuídos ao espaço africano e por extensão aos descendentes de africanos nas

Américas. A partir da Lei 10.639/2003, e das demandas que ela criou para a formação inicial e continuada de professores do ensino básico, a universidade começou -- lentamente e por iniciativa de indivíduos e grupos específicos -- a se voltar para o estudo e a produção de conhecimento sobre a África, e a ampliar o espaço conferido aos estudos afro-brasileiros em seus currículos e em suas rotinas de pesquisa. Em paralelo, a disseminação das políticas afirmativas, no rastro do pioneirismo da Universidade do Estado da Bahia, começou a ampliar de modo significativo o contingente de jovens negros dentro dos muros acadêmicos. Em vista disso, este parece ser um momento crucial para que o diálogo entre a produção cultural, a educação básica e a universidade seja retomado de forma decisiva e promovido como uma das molas propulsoras da consolidação e da ampliação de uma agenda antirracista para o estado da Bahia e para o Brasil. O mundo da cultura negra brasileira já não está fora da universidade, mas é parte integrante de seu cotidiano. Não se trata aqui de propor um caminho de mão única, em que os acadêmicos se arrogam o papel de “ensinar” aos movimentos sociais e grupos culturais suas próprias percepções sobre as realidades africanas. Ao contrário, a universidade entra nesta proposta como uma voz entre outras vozes, reconhecendo a autonomia e a legitimidade dos movimentos sociais e dos grupos culturais de enunciar suas próprias percepções, demandas, agendas e prioridades. Interessa a esta proposta constituir um espaço aberto para o livre cruzamento de informações e opiniões e para o compartilhamento e a definição conjunta de agendas futuras de pesquisas, políticas de currículo e iniciativas locais de variadas ordens que podem ser alavancadas a partir do espaço socialmente reconhecido da universidade.

Objetivos

Geral:

- Propiciar um espaço de debate aberto sobre o significado da África para o Brasil, considerando o histórico recente de políticas de ações afirmativas nas universidades, as mudanças curriculares na educação básica e na formação inicial e continuada de professores, os avanços na estruturação dos grupos culturais de matriz africana e nas políticas estatais de suporte, o processo de patrimonialização das manifestações culturais e dos espaços de práticas culturais coletivas pertencentes as religiões afro-brasileiras,, bem como os desafios colocados à luta contra o racismo no Brasil hoje.

Específicos:

- Promover o diálogo entre os diversos grupos envolvidos na produção e na circulação do conhecimento sobre a África no Brasil, sobre suas percepções, demandas e prioridades, incluindo movimentos sociais, produtores e grupos culturais e pesquisadores, em relação à parcela da agenda antirracista que pode ser promovida a partir da universidade (ou em parceria com ela);
- Viabilizar a divulgação, a circulação e o debate sobre as agendas atuais de pesquisa sobre África nos mais diversos espaços e instâncias da cultura baiana; - Debater as experiências de ensino e de produção cultural referenciadas na África, considerando suas realizações e seus desafios, e possibilitando a construção de parcerias entre distintos grupos ou entre grupos culturais e outras instâncias educativas;
- Prover um espaço de divulgação de grupos e manifestações culturais de matriz africana enraizadas na Região Metropolitana de Salvador e no Recôncavo da Bahia;
- Contribuir para a criação de uma sinergia entre a produção cultural, e as redes públicas de educação na promoção dos aspectos identitários da cultura popular na Bahia, reforçando seu papel fundamental na luta contra o racismo no Brasil.